

ANÁLISE DA MORTALIDADE POR TALASSEMIA NO BRASIL DE 2012 A 2021

PL Abreu, AT Dias, SHN Messias, JO Martins, PJ Nishimura, V Justi, ML Muler, A Kalinichenko

Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: a anemia é denominada redução da concentração de hemoglobina e glóbulos vermelhos graças a eritropoiese ineficiente e/ou perda de eritrócitos, que podem ser ocasionadas por diversos fatores, dentre eles, os distúrbios genéticos da hemoglobina. A talassemia é um distúrbio hematológico hereditário, onde ocorre a síntese deficiente ou ausente das cadeias de alfa ou beta globinas da hemoglobina. Alterações essas resultam em hemólise e prejudicam a eritropoiese. A gravidade dos sintomas está intimamente associada à subunidade afetada e à extensão da alteração. **Objetivo:** Este trabalho teve por objetivo avaliar a mortalidade da talassemia no Brasil nos anos de 2012 a 2021. **Material e métodos:** Foi realizada uma análise estatística de dados provenientes do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS, no período de 2012 a 2021. **Resultados:** Foi observado no período de estudo, 158 óbitos relacionados a talassemia no Brasil. Nota-se uma tendência crescente na porcentagem de óbitos por talassemia, sendo o ano de 2021 o correspondente ao ano com o maior percentual de óbitos com 13,29%. Dentre as regiões analisadas, o Sudeste destacou-se como a região com a maior taxa bruta de mortalidade, onde observou-se 9,82 óbitos a cada 10 milhões de habitantes. Dentre as faixas etárias analisadas, o seguimento etário de 80 anos ou mais correspondeu ao grupo com o maior percentual de óbitos pela doença com 30,38%. **Conclusão:** Embora o estudo tenha evidenciado uma tendência crescente nos óbitos por talassemia no Brasil, a doença possui baixa mortalidade. O diagnóstico precoce e tratamento eficaz estão associados ao aumento da sobrevida dos indivíduos portadores, assim, supostamente atribui-se o baixo índice de mortalidade da doença a programas de diagnóstico e tratamento ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.084>

BARREIRAS DE ACESSO AOS TRATAMENTOS E À CURA DA ANEMIA FALCIFORME EM ADULTOS E CRIANÇAS

JF Salvoni^a, SZ Jorge^b, RC Almeida^b, LO Espinosa^c, GDL Betez^d, LM Christo^b, BA Lourenço^e, M Felix^b, EEC Arruda^b

^a Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo, SP, Brasil

^b Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo, SP, Brasil

^c Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul, SP, Brasil

^d Faculdade São Leopoldo Mandic (SLMANDIC), Campinas, SP, Brasil

^e Centro Universitário São Camilo (CUSC), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: A anemia falciforme é uma doença hereditária que altera o formato das hemácias. Em geral, os indivíduos afetados podem apresentar sintomas que variam de leves a graves. Embora não existam medicamentos que curem a condição, alguns tratamentos podem levar à cura em certos casos. No entanto, estes tratamentos apresentam riscos e não são adequados para todos os pacientes. **Objetivos:** Analisar e entender a dificuldade da universalidade do acesso à saúde para o tratamento e cura de adultos e crianças portadoras de anemia falciforme, por meio de uma revisão bibliográfica. **Materiais e métodos:** Foi proposta uma revisão qualitativa da literatura. Utilizou-se como base de dados pesquisas no BVSAUD e PUBMED. Como palavras-chave para a pesquisa, foram usados os seguintes termos: anemia; sickle cell; therapeutics; genetic therapy; barrier to access of health services; hematology; cell and tissue-based therapy. A seleção dos artigos foi realizada pelos integrantes em julho de 2024, os artigos selecionados foram publicados entre 2019 e 2024. Os idiomas dos artigos apurados são inglês e português, sendo todos analisados pelos membros da pesquisa. Não foi declarado nenhum conflito de interesse entre os integrantes. **Resultados:** Estudos investigam a terapia gênica, com RNA, e transplante de medula óssea (TMO) haploidentico para tratar a doença falciforme. O TMO não mieloablativo com ciclofosfamida pós-transplante mostra-se promissor, curando até 95% das crianças e 90% dos adultos. No entanto, complicações relacionadas ao transplante ocorrem em mais de 50% dos pacientes e, além disso, apenas 10%-15% encontram um doador adequado. Em 2012, a taxa de falha do enxerto era de 40%, mas a adição de tiotepa ou o aumento da dose de irradiação para 400cGy elevou o enxerto para 90% sem aumentar a toxicidade, entretanto, 8% desenvolveram doença do enxerto contra hospedeiro. Ademais, terapias com RNA também apresentaram eficácia limitada e toxicidade, prejudicando a hematopoiese geral. **Discussão:** A anemia falciforme possui maior morbidade, e, com isso, a excelência de resultados é identificada, em sua maioria, em grupos de crianças e jovens adultos. Mathews et al. confirmam que pacientes nessa faixa etária, transplantados após o ano 2000 e com um doador compatível, têm pelo menos 95% de chance de cura. Apesar das terapias genéticas permanecerem vitais para a cura da anemia falciforme, dado as limitações das abordagens terapêuticas atuais, Brodsky e DeBaun (2019)¹ destacam a necessidade de novas estratégias terapêuticas devido às arduidades em encontrar doadores compatíveis para transplante de medula óssea. **Conclusão:** A anemia falciforme apresenta desafios complexos no acesso a tratamentos eficazes, como o transplante de medula óssea haploidentico e terapias genéticas. Embora promissores, esses tratamentos enfrentam desafios significativos, como a dificuldade em encontrar doadores compatíveis, complicações pós-transplantes e a toxicidade associada. É importante desenvolver novas estratégias terapêuticas acessíveis e eficazes para garantir que todos os pacientes possam receber tratamento adequado, visando melhorar a qualidade de vida dos respectivos pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.085>